



**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – PPGEDU/UFRRGS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
E PROCESSOS INCLUSIVOS**

VALERIA SCANGARELLI

**EDUCAÇÃO DE SURDOS ADULTOS:
ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA**

**PORTO ALEGRE
2012**

VALERIA SCANGARELLI

**EDUCAÇÃO DE SURDOS ADULTOS:
ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA**

Monografia apresentada a UFRGS como requisito parcial para obtenção do título de Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos.

Orientador: Cláudio Roberto Baptista

**PORTO ALEGRE
2012**

A Martin filho querido e tão amado, que mesmo na sua inocência compreendia minha ausência;

Aos meus pais Vicente e Mary Glacy pelo apoio, possibilitando a realização dos meus estudos cuidando do neto, durante minha ausência;

Ao meu irmão, agradeço as idéias maravilhosas;

A minha prima Cláudia, agradeço pela confiança o meu sucesso e apoiou quando eu precisava mais;

A minha tia Mara Glay, agradeço pelo apoio pagando os meus estudos;

A minha querida vó Potoca (in memória) pelo sempre meu lado espírito;

A Comunidade surda por ser meu segundo lar, meu lugar favorito de descontração de conhecer outras pessoas;

Aos surdos de Uruguaiiana que me acolheram e me aceitaram como presidente da Associação e ainda nela apoiaram meus projetos e meu trabalho com os surdos que estão incluídos na EJA;

Aos Professores do curso de Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos que compartilharam conosco tantos conhecimentos e sabedorias e que nos provocaram com seus questionamentos;

Aos meus orientadores Carlos Henrique Ramos Soares e Cláudio Roberto Baptista por sua paciência e compreensão.

*Na vida há tempo para tudo, tempo para ser criança,
tempo para ser jovem, tempo para casar, tempo para ter
filhos, tempo para ser velho, mas há aqueles que não
tiveram nenhum destes tempos, por que nasceram num
mundo em que foram considerados incapazes.*

Valeria Scangarelli

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 HISTORIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	8
2.1 DIMENSÕES PEDAGÓGICAS VINCULADAS À EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	11
2.2 OS SUJEITOS SURDOS E A ESCOLARIZAÇÃO.....	13
2.2.1 Refletindo sobre inclusão e sobre os apoios.....	17
3 A METODOLOGIA DE PESQUISA	19
3.1 O CONTEXTO E OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	19
4 ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS SURDOS.....	21
4.1 OS SURDOS E A ASSOCIAÇÃO.....	22
4.2 RELATO DA EXPERIÊNCIA: A EXECUÇÃO DO PROJETO.....	22
4.3 REFLEXÕES SOBRE AS ANÁLISES.....	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERENCIAS	31

RESUMO

Esta Monografia apresenta uma análise sobre o trabalho pedagógico com alunos surdos adultos em processo de aprendizado da Libras – Língua Brasileira de Sinais e, secundariamente, da Língua Portuguesa, suas implicações e seus desafios. Para realizar este trabalho, foi necessário buscar leituras que proporcionassem reflexões quanto à educação dos surdos e sobre como lidar com as diferenças em um contexto educativo que comporta variados tipos de sujeitos. Entre os autores abordados, destaco estudiosos da educação de surdos como Karin Strobel, Cristina Lacerda e Mirlene Damázio. Ao refletir sobre a inclusão do ponto de vista da acessibilidade, da cultura e da convivência entre as diferenças, buscou-se, no trabalho com um grupo de adultos surdos, compreender como o processo de inclusão deve levar em conta a complexidade do ensino e da aprendizagem. Tratava-se de sujeitos que, em grande parte, nunca haviam frequentado escola. A metodologia de pesquisa contemplou um trabalho educativo com um grupo com os sujeitos surdos que frequentam a associação de surdos de um município do Estado do Rio Grande do Sul. O trabalho de pesquisa se baseia na análise da produção acadêmica sobre educação de surdos e na discussão sobre essa experiência de educação com jovens e adultos. A análise procura problematizar a complexidade da comunicação e a importância da Libras no processo de aprendizagem dos surdos. O grupo de sujeitos focalizados no estudo era constituído por adultos que não eram alfabetizados nem mesmo na língua de sinais, demonstrando sérias dificuldades por não terem desenvolvido a Libras, sua comunicação se dava por gestos e mímicas. Ao concluir esta pesquisa, reconhece-se o universo de desafios que constitui a vida dos sujeitos investigados, os quais devem integrar as reflexões de qualquer proposta educacional, sendo que a presente investigação foi uma oportunidade de aprender sobre os processos de inclusão de adultos surdos.

Palavras-chaves: Educação especial, inclusão escolar, educação de surdos.

1 INTRODUÇÃO

Sou surda, formada em Licenciatura Letras/Libras. Morei em Porto Alegre, capital, uma cidade grande onde adquiri muita experiência sobre a cultura, o poder, e sobre a educação de surdos. Nesta cidade, os surdos são bastante envolvidos na política e nos movimentos educacionais.

Mudei para a pequena cidade de Uruguaiana, na fronteira Argentina, aonde vim morar com minha mãe. Aqui os surdos são bem diferentes, não possuem muito conhecimento, a maioria deles não concluiu seus estudos e muitos ainda não completaram o ensino médio, ainda pior, muitos deles não freqüentam a escola.

Fui convidada para ser presidente da Associação dos Surdos desta cidade. Até então eram ouvintes que presidiam a associação e ao receber o convite veio também a informação que a Associação corria o risco de fechar. Sendo assim não hesitei e assumi este compromisso.

Assumi a presidência da Associação em março de 2012 e percebi que muitos surdos voltaram a participar da associação. Usei uma dinâmica com o objetivo de atraí-los, fomentar o aprendizado, assim como evitar o isolamento lingüístico e desenvolver o vocabulário dos surdos.

A oportunidade de análise associada à presente monografia toma a educação de surdos como tema e identifica como objetivo: analisar o trabalho pedagógico com alunos surdos adultos em processo de aprendizado da Libras¹ e, secundariamente, da Língua Portuguesa, suas implicações e seus desafios.

Ao longo desta Monografia serão apresentadas reflexões decorrentes de encontros realizados entre os surdos que não tiveram acesso a escola. Estes encontros contaram com recursos e materiais visuais que apresentam os acontecimentos, no mundo, as diferentes culturas existentes no mundo. A monografia se divide em três partes: inicia com a conceituação e com a história da educação dos surdos, incluindo o processo de inclusão destes alunos; em seguida faço um relato sobre o trabalho na associação, no qual procuro alfabetizá-los primeiramente no uso da Libras, assim ampliando o conhecimento para uma escrita; por fim apresento as reflexões decorrentes da investigação.

¹ A sigla de Língua Brasileira de Sinais – Libras ou LIBRAS passa por alguns conceitos de ordem ortográfica, nenhuma das formas está errada, assim em meu texto utilizo Libras de acordo com a legislação que regulamenta esta língua, mas no decorrer será possível encontrar a mesa sigla em caixa alta.

Relatando sobre os principais acontecimentos e depoimentos dos surdos, reflito sobre a realização deste projeto com esta turma, busco uma abordagem nos autores como Thoma, Karnopp, Skliar, Strobel que tratam diretamente sobre surdos e outros que também tocam nesta temática em uma perspectiva inclusiva como Damázio, Lacerda, Messerlian e Vittaliano, entre outros que estão relacionados com a temática da investigação.

No que se refere à dimensão metodológica, além da busca de referenciais nos estudos recentes sobre o tema, foram realizadas observações com o referido grupo. Tais observações aparecem neste trabalho de forma descritiva, acompanhadas de minhas reflexões diante das dúvidas e ações dos sujeitos. Observei suas reações diante dos assuntos abordados sobre os acontecimentos no mundo e as diferentes culturas.

Esta monografia foi um desafio no qual busquei leituras que me proporcionassem reflexões quanto à educação dos surdos e sobre como lidar com as diferenças dentro do contexto educativo que comporta variados tipos de sujeitos. No grupo de surdos com o qual trabalhei havia alunos com deficiência: um com deficiência intelectual e outro com deficiência motora, havia também alunos com transtornos comportamentais e todos eles não eram alfabetizados em Libras. Minha prática foi realizada de forma que respeitasse o ritmo e a compreensão deles, buscando estratégias para resolver os desafios encontrados.

2 HISTORIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Apresento neste texto os pontos principais do início do curso com o objetivo de refletir sobre a inclusão do ponto de vista da acessibilidade, da cultura e convivência entre as diferenças, fazendo uma retrospectiva histórica das conquistas das pessoas surdas nos últimos 130 anos. A partir disso, pretendo esboçar o que vou investigar no curso de Especialização, quem é o público surdo da Educação de Jovens e Adultos na Associação de Uruguaiana. Esta reflexão torna-se importante quando os diferentes passam a conviver, logo se faz necessário pensar estratégias para que todos sejam atendidos em suas necessidades. Pensando no binômio surdo x ouvinte, e levando em conta todas as diferenças que estão incluídas em cada um desses termos, são diversas as necessidades que se desdobram fazendo com que os surdos percebam a cada dia novas diferenças e semelhanças no convívio com os ouvintes. Pois todos os sujeitos possuem traços individuais e coletivos, surdos e ouvintes se diferem no aspecto lingüístico, mas se assemelham nas suas experiências de trabalho, de constituição familiar, de casamento, de religião, e outros aspectos.

Ao longo da história os surdos lutaram por educação e trabalho, lutaram por um espaço em que sua língua de sinais fosse respeitada. As lutas e movimentos que hoje existem são reflexos de lutas e experiências anteriores, como o Congresso de Milão, em 1880, onde uma maioria ouvinte resolveu abolir o uso da Língua de Sinais, professores surdos perderam seus empregos, a língua de sinais foi proibida e todo ensino deveria ser pelo método oral.

Para Lodi (2005, p. 417) revela que "a consequência para a educação dos surdos não poderia ter sido pior: sua essência foi perdida. Ela passou a ter como objetivo central o desenvolvimento da oralidade e a prática pedagógica deu lugar à prática terapêutica. (LODI, 2005, p. 417).

Lodi cita Sánchez (1990) ao tratar sobre o desenvolvimento de linguagem das crianças surdas, em que este autor observa que "foi sempre insatisfatório e as dificuldades observadas, compreendidas como sendo um problema causado pela surdez, uma limitação dos próprios surdos. O discurso sobre a surdez passa a ser o da deficiência". (LODI, 2005, p. 417).

As consequências deste congresso se fazem sentir até hoje. O fracasso da educação oralista fez com que os surdos voltassem a um patamar de dependência em relação aos ouvintes e isso refletiu nas possibilidades de estes sujeitos obterem sucesso profissional e pessoal (STROBEL, 2008).

Esse movimento repercutiu no Brasil, que tinha o INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) criado em 1857 onde o ensino e a comunicação eram feitos em língua de sinais e com a decisão do congresso em Milão, reprimiu-se o uso da língua de sinais e aplicou-se o uso da oralização. Lacerda (2008, p. 4) retrata bem este momento:

Assim, no mundo todo, a partir do Congresso de Milão, o oralismo foi o referencial assumido e as práticas educacionais vinculadas a ele foram amplamente desenvolvidas e divulgadas. Essa abordagem não foi, praticamente, questionada por quase um século. Os resultados de muitas décadas de trabalho nessa linha, no entanto, não mostraram grandes sucessos. A maior parte dos surdos profundos não desenvolveu uma fala socialmente satisfatória e, em geral, esse desenvolvimento era parcial e tardio em relação à aquisição de fala apresentada pelos ouvintes, implicando um atraso de desenvolvimento global significativo. Somadas a isso estavam as dificuldades ligadas à aprendizagem da leitura e da escrita: sempre tardia, cheia de problemas, mostrava sujeitos, muitas vezes, apenas parcialmente alfabetizados após anos de escolarização.

Neste período em que a oralização era predominante na educação de surdos, havia um entendimento de que esta era a melhor forma de normalizar o surdo, inserindo-o e tornando-o sociável “A medicalização e a normalização dos surdos referem um projeto hegemônico em que o ser falante/ouvinte constitui a especificidade de uma identidade totalitária, positiva e produtora, por sua vez, de uma norma invisível que a tudo ordena e regula”. (SKLIAR, 1999,12).

Diante da falta de discernimento em relação aos surdos e seus direitos, vejo ser necessário pensar sobre como jovens e adultos surdos estão vivendo na sociedade sem estarem alfabetizados.

Os proponentes menos tolerantes pretendiam reprimir tudo o que fizesse recordar que os surdos não poderiam falar como os ouvintes. Impuseram a oralização para que os surdos fossem aceitos socialmente e, nesse processo, deixava-se a imensa maioria dos surdos de fora de toda a possibilidade educativa, de toda a possibilidade de desenvolvimento pessoal e de integração na sociedade, obrigando-os a se organizar de forma quase clandestina. (LACERDA, 2012).

É por isso que decidi pesquisar como se dão as conquistas do público surdo adulto, para perceber como o processo de inclusão leva em conta a complexidade que há quando se trata de pessoas surdas adultas que nunca foram à escola devido a todo o seu contexto de vida e história.

Segundo Bueno (1977), existem três momentos que resumem a história da educação especial no Brasil: o da internação, o da co-existência entre internação e acesso à escola diária e o da integração dos sujeitos na escola regular. Para os surdos, mesmo com a progressiva

integração dos alunos em escolas regulares e apesar da presença de surdos em universidades, as idéias preconceituosas ainda continuam gerando situações de discriminação, exclusão e interiorização, visto que ainda são poucas as situações de efetiva comunicação.

O avanço da educação especial brasileira tem mostrado formas diferenciadas de propor ações educativas dirigidas aos surdos. Nas últimas décadas tem ocorrido uma valorização do ensino comum dirigido a todos os alunos da educação especial.

Ao analisar o campo da educação especial, percebo como as políticas públicas refletem as necessidades e as lutas das pessoas com deficiência. As leis sempre são decorrência de processos de mudança que atingem concretamente as pessoas. No caso da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva de 2008 (Brasil, 2008), documento que marca uma nova maneira de conceber a educação das pessoas com deficiência no Brasil, é visível que se quer fazer com que os surdos convivam com os não-surdos, para que se sintam parte da sociedade de maneira mais igualitária. A diferença lingüística deve ser atendida de maneira que os surdos vivenciem a escolarização com as mesmas oportunidades que os ouvintes.

Na atual política de educação inclusiva, a luta para que todos estejam na escola passa por muitos dilemas e polêmicas. A proposta da educação especial numa perspectiva da educação inclusiva é favorecer ao aluno surdo um atendimento diferenciado para que ele possa se comunicar e aprender em sua primeira língua – Libras – e em Língua Portuguesa. O Atendimento Educacional Especializado seria uma destas formas, em que o aluno poderia ter todo o acompanhamento com profissionais em Língua de sinais, e na sala de aula o interprete estar atuando junto ao professor a fim de que este aluno possa acompanhar as aulas com os demais colegas. Damázio (2005, p.14) defende que a “educação escolar inclusiva para pessoas com surdez proporciona oportunidade de aquisição e de construção de conhecimentos para que aprendam a vivem em comunidade, sabendo atuar, interagir com seus pares, com e sem deficiência”.

Soares (2011, p.30) apresenta os dois lados sobre a educação de surdos, e sobre a educação inclusiva o autor afirma que a “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva apresenta alternativas para a construção de um sistema educacional inclusivo para os alunos que apresentam surdez”, pois se reconhece as “necessidades singulares” destes alunos através da “oferta de apoios pedagógicos especializados”.

Embora a proposta de inclusão tenha a intenção de romper paradigmas e transformar a realidade, sua implementação é processual. Lacerda (2011, p. 11) escreve sobre o AEE e as dificuldades para que este ocorra de forma satisfatória.

A perspectiva da educação inclusiva é reconhecida nos documentos oficiais como uma concepção conceitual transformadora, mas reconhece-se que as práticas educacionais implementadas em geral não alcançam o objetivo de levar a escola comum a assumir o desafio de atender as necessidades educacionais de todos os alunos.

Lacerda (2011) diz que a diretriz maior da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva determinada pelo MEC (BRASIL, 2008) é “ênfatisar a Educação Especial como modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realizando o atendimento educacional especializado”, para a autora esta diretriz deve disponibilizar serviços e recursos próprios desse atendimento, orientando alunos e seus professores quanto a sua utilização nas turmas comuns do ensino regular.

2.1 DIMENSÕES PEDAGÓGICAS VINCULADAS À EDUCAÇÃO DE SURDOS

Ao avançar na discussão pedagógica acerca da educação para surdos, inicio destacando que, apesar da tendência atual de valorização da inclusão escolar, as escolas precisam ter cuidados para a garantia dos apoios necessários. Na ausência destes, há o risco de isolamento que pode prejudicar o aluno. É também necessário que os professores ouvintes e intérpretes estejam bem preparados para receber os alunos surdos.

A análise da produção acadêmica relativa à temática em pauta, mostra que as pesquisas sobre a inclusão de surdos na EJA são pouco numerosas. Algumas dessas investigações trazem questões relevantes para a presente pesquisa, como a monografia de Fukushima (2008) que escreveu um artigo sobre sua experiência com surdos incluídos numa EJA no Paraná., Esse trabalho, titulado “Caminhos para inclusão dos surdos na Educação de Jovens e Adultos: ouvintes falando com as mãos/Libras”, relata os desafios de trabalhar com surdos, mesmo com a presença de interpretes nas aulas. A autora conclui que era necessário mais do que a oferta desse apoio.

Este estudo possibilitou constatar que apesar da insegurança e despreparo para a inclusão dos surdos, o grupo é receptivo à inclusão, preocupando-se com a capacitação e aperfeiçoamento de seus conhecimentos, além de

considerarem o domínio da LIBRAS como fundamental para os alunos surdos, ouvintes, professores.

Além disso, dentre as reflexões os participantes fizeram importantes apontamentos sobre suas dificuldades, dentre as quais vale destacar: dificuldade de interação entre aluno surdo/professor/intérprete; adaptação/flexibilização curricular; avaliação condizente às singularidades dos alunos; incertezas sobre a surdez e suas implicações educacionais; desinteresse de alguns para com o reconhecimento à identidade dos surdos; limitação da própria formação profissional; cultura do “ouvintismo”; falta de compreensão e apoio da família no processo da constituição do sujeito surdo. (FUKUSHIMA, 2008, p. 17).

Uma pesquisa de mestrado realizada em uma turma de EJA, em Canoas-RS, discute a metodologia de ensino da geografia para surdos incluídos nessa turma e defende o uso da Libras e de recursos visuais para tais alunos. Segundo a autora Silva (2003), em sua dissertação denominada “Cenário armado, objetos situados: o ensino de Geografia na educação de surdos”, a inclusão é um “processo histórico de correlações de forças em disputa de poderes e saberes” (p. 214). Os sujeitos que chegam à escola na idade adulta também possuem um olhar diferenciado para sua situação de vida, possuem um conhecimento construído a partir da sua experiência visual.

Além da análise da produção, é importante considerar o plano normativo da política brasileira. O Decreto 5.626, de 22 de Dezembro de 2005, traz entre outras determinações a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura. Trata-se de uma iniciativa que tende a qualificar os professores para o trabalho com grupos nos quais haja alunos surdos. No entanto, caberia perguntar se uma disciplina seria suficiente para uma formação lingüística. No elenco de iniciativas públicas vinculadas à área em questão, os cursos de Letras/Libras, apresentados no referido decreto, visam à formação de professores para o ensino da Libras. No entanto, cabe perguntar onde estes profissionais estão atuando? A quem se destina a ação específica desses profissionais?

A certificação de Proficiência em Libras – ProLibras- institui-se como um atestado de fluência para os profissionais que trabalham com Libras. Esta certificação não garante uma formação lingüística, como ocorre com o Letras/Libras, apenas atesta este conhecimento

A reflexão pedagógica acerca da surdez, exige que nos dediquemos a pensar sobre a educação de forma geral, atendendo as necessidades de cada aluno, numa ótica de autonomia, construção, emancipação. Conforme Marques (2008), existem perspectivas freireanas, vygotskianas e foucaultianas no âmbito da educação que nos ajudam a entender e distinguir os paradigmas vigentes. Enquanto Vygotsky e Paulo Freire têm uma visão que privilegia mais a emancipação dos educandos, Foucault tem uma visão menos idealista quanto à educação e

acredita que a escola é uma instituição que faz com que as pessoas sejam subjetivadas ao aprenderem a obedecer. Em ambas as perspectivas há a possibilidade de os sujeitos saírem da situação de dominação em que se encontram. Entretanto, a maior dificuldade é fazer com que todas as diferenças sejam atendidas em suas necessidades, uma vez que a sociedade Moderna tem seus ideais voltados para um determinado padrão de sujeito: branco, homem, heterossexual, de bom nível intelectual, ouvinte, vidente, etc.

[...] em algumas sociedades, ser negro, ser velho, ser mulher, ser criança, ser deficiente, entre outros, representa uma condição de subalternidade de direitos e de desempenho de funções sociais. É nesse contexto de complexa trama de relações sociais que se manifestam diversas formas de controle, discriminação e opressão (MARQUES, 2008, p. 145).

Inspirada nos pensamentos de Vygotsky, Paulo Freire e Foucault, acredito que cada indivíduo dever ter sua singularidade respeitada e valorizada. Cada um tem sua forma de aprendizagem, por exemplo, ao refletirmos sobre os alunos surdos da EJA reconhecemos que estes não podem ser alfabetizados da mesma forma que os adultos ouvintes ou que as crianças em idade de alfabetização, pois tais alunos necessitam que sejam reconhecidas suas singularidades, considerando que estiveram por anos afastados que qualquer proposta educacional que oportunizasse o aprendizado da Libras ou do português.

2.2 OS SUJEITOS SURDOS E A ESCOLARIZAÇÃO

Quando as pessoas perguntam sobre quem é o surdo o que o diferencia da pessoa com deficiência auditiva, é possível encontrar inúmeras explicações clínicas e ideológicas e/ou culturais. Quero começar com o Decreto Federal 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

Ao ler estes artigos, talvez se perguntem se os surdos também não apresentam as mesmas características descritas no parágrafo único. Embora as leis que regem a pessoa com deficiência incluem o surdo como sujeito com deficiência, o Decreto 5.626/05 reconhece sua

forma comunicativa e sua cultura, é importante colocar que ainda há aqueles que olham para o surdo, ou a Pessoa com deficiência, como um sujeito incapaz, quando na verdade os surdos se consideram sujeitos que se distinguem por sua língua e por sua constituição social.

Falando em definições clínicas, faço inferência a especialistas da audição, como os audiologistas Bess e Humes (1998), que descrevem as perdas auditivas como uma diminuição da capacidade auditiva em diferentes graus de intensidade, temporária ou definitiva. Explanando que a surdez congênita ocorreu antes ou durante o nascimento e a surdez adquirida, as que aconteceram após o nascimento. Nesta mesma linha explicativa da deficiência auditiva as autoras Russo e Santos (1989), a definem como um déficit sensorial que afetam as orelhas externa, média e/ou interna, reduzindo ou anulando a capacidade de ouvir ou distinguir sons. Para elas as perdas auditivas podem ser classificadas de acordo com o local da lesão, o grau da perda auditiva, época em que ocorreu e a origem.

Segundo Gatto e Tochetto (2007, p. 110) “A perda auditiva é a deficiência congênita mais freqüente e mais prevalente dentre aquelas rotineiramente triadas em programas de saúde preventivos”. Boscolo e Santos (2005, p. 70) falam da surdez e do seu impacto na família, em que apresentam a mesma reação, no entanto possuem perspectivas diferentes com relação aos seus filhos. As autoras, numa abordagem da psicologia, afirmam que quando uma criança surda chega em uma família há inicialmente um choque e depois se busca alternativas que revertam a situação desta criança.

É de nosso conhecimento que os pais, mesmo antes do nascimento do filho, possuem expectativas em relação ao novo membro da família. A presença de um filho com deficiência da audição no ambiente familiar exigirá de cada membro redefinições de papéis e mudanças. Os pais então se encontram em uma situação diferente daquela que haviam imaginado e necessitam tornar-se pais especiais. Além das pressões internas de familiares, ocorre a necessidade de lidar com pressões sociais externas. A sociedade em que vivemos demonstra dificuldade para conviver com diferenças. Essa dificuldade de convívio ocorre também em relação à pessoa com deficiência da audição, o que acaba por se estender sobre toda a família e sobre a relação desta com o membro deficiente. (BOSCOLO; SANTOS, 2005, p. 70).

Tendo a explicação legal e a definição clínica dos autores antes mencionados, trago agora o ponto de vista da comunidade surda, a partir de autores como Perlin, Strobel, Miranda, Vilhalva e Skliar, todos doutores em educação e são referências em assuntos como identidade surda e cultura surda. Para chegar ao entendimento de quem é o surdo, se faz importante colocar como o surdo é visto pelo ouvinte. Primeiramente quero trazer o que Skliar (1998, p 15) definiu como “ouvintismo”, para ele este termo significa “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como

se fosse ouvinte”. Talvez as colocações sobre sujeitos surdos pareçam, aos olhos dos ouvintes, subjetivas demais, mas não seriam, também, as definições clínicas dos ouvintes, subjetivas? Quem determinou as verdades sobre os sujeitos surdos? Quem melhor para falar de nós se não nós mesmos?

Segundo Perlin e Strobel (2006, p. 7) os surdos numa visão clínica os sujeitos surdos são vistos como “pacientes ou ‘doentes nas orelhas’ que necessitam serem tratados” e normalmente os categorizam por “graus de surdez e não pelas suas identidades culturais”. Elas ainda colocam que as pesquisas realizadas sobre os surdos sempre se limitaram em registrá-los como ‘deficientes’.

Nós não podemos deixar de reconhecer que a história do povo surdo mostra que por muitos séculos de existência, a pedagogia, as políticas e muitos outros aspectos próprios do povo surdo têm sido organizados geralmente no ponto de vista dos sujeitos ouvintes e não dos sujeitos surdos que, quase sempre, são incógnitos como profissionais que poderiam contribuir com suas competências essenciais e de sua diferença do Ser Surdo. (PERLIN; STROBEL, 2006, p.9).

“Povo Surdo” de acordo com Strobel (2006, p.8) é “o conjunto de sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tais como a cultura surda, costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço”. Ser Surdo, para Perlin e Miranda (2003, p. 217) é “olhar a identidade surda dentro dos componentes que constituem as identidades essenciais com as quais se agenciam as dinâmicas de poder. É uma experiência na convivência do ser na diferença”.

A comunidade surda buscou e ainda busca pela valorização da língua de sinais como primeira língua, legalmente e teoricamente ela está sendo valorizada, no entanto percebo ainda grandes interferências em nossas lutas políticas e ideológicas e faço minhas as palavras de Perlin e Strobel (2006, p. 27) “os sujeitos ouvintes continuam sempre decidindo por sujeitos surdos, disputando em relação de poder acima dos líderes surdos em diversas áreas, onde eles são importantes participar e acima de tudo querem a ‘dignidade’ de Ser Surdo!”.

E continua a pergunta, mas quem são os surdos? E no que são tão diferentes dos ouvintes?

nas posições da diferença : os deficientes auditivos não são surdos pois ser surdo é estar na transgressão, na inversão da cultura ouvinte, isto é os que tem restos auditivos não são surdos, não partilham a mesma cultura ou seja as políticas, a pedagogia, a língua, os intérpretes. Os significados culturais dos deficientes auditivos são muito diferentes e não se equiparam aos dos surdos. (PERLIN; STROBEL, 2006, p. 44). **[grifo das autoras]**.

Assim, é importante que as pessoas compreendam que os surdos por suas experiências visuais buscam constantemente por uma educação que se fundamente na sua diferença cultural, e desejam apenas que seus direitos e vontades sejam respeitados. Os surdos não se resumem a orelhas e sons, os surdos se consideram surdos em sua forma de comunicação, em sua experiência visual, em sua luta por garantir direitos políticos e educacionais. O surdo deve ser olhado pela sua perspectiva e não pela do ouvinte.

Segundo o debate acadêmico contemporâneo, a concepção de sujeito surdo é de que este não é uma pessoa com deficiência que necessita concentrar seus esforços no sentido de se tornar o mais semelhante possível a um ouvinte.

O indivíduo surdo possui características que lhe são próprias, como a língua e essas diferenças devem ser compreendidas e respeitadas.

As intervenções e posturas pedagógicas tradicionais consideram o surdo, como ocorre com os alunos em geral, um sujeito passivo, uma tábula rasa, onde devem ser impressos os “conteúdos”, os “conhecimentos”. A partir dessa visão empirista, a preocupação centra-se no treinamento da coordenação motora, na discriminação perceptiva, no treinamento da fala, na transmissão de conteúdos e habilidades sistematizados pela escola e pelo adulto ouvinte.

Quando se fala em pessoa surda, prontamente se relaciona o termo surdez aos conceitos de deficiência, de incapacidade de comunicação e de dificuldades de aprendizagem. O debate contemporâneo mostra que o surdo é uma pessoa que não deve ser considerada incapaz e que possui recursos para a aprendizagem, como um sujeito que aprende e que possui uma língua diferente da língua do professor ouvinte, o que nos deveria levar a conhecer seu processo de construção da língua, da leitura e escrita.

Entendemos que o papel do professor alfabetizador de surdos é auxiliar o aluno na conceituação e na aprendizagem dessa língua com o objetivo de que ela se torne significativa e funcional e ultrapasse o contexto de sala de aula. Lembrando as palavras de Paulo Freire (1992, p. 89), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Assim sendo, a leitura do mundo, para o surdo, se faz pela sua língua de sinais, pois ela lhe possibilita construir significados e formular sua noção de mundo. Essa formulação não se dá passivamente, mas de uma forma interativa com o mundo, por meio da qual o sujeito dá vida aos significados.

2.2.1 Refletindo sobre inclusão e sobre os apoios

Thoma (2005) conceitua inclusão em que “os discursos oficiais, ao traduzirem inclusão como "participação", "integração” e outros significados similares, remetem à idéia de "estar dentro em condições", correndo o risco de distorcer o sentido etimológico da palavra. Enfim, ao pensarmos a inclusão escolar, esse “estar dentro” poderá estar associado a uma determinação legal, a partir da qual todos devem ter seus acessos garantidos e suas diferenças aceitas e respeitadas. Mas se não mudarem as representações, as mudanças legais, por si só, podem ser insuficientes..

No caso do aluno surdo, são necessários apoios variados para que sua presença no ensino comum seja associada à efetiva aprendizagem. Diante desta necessidade, fica demonstrada a necessidade de atuação de intérpretes nas escolas e nos diversos ambientes da sociedade, bem como a organização de cursos de Libras e capacitação para profissionais que irão atuar nesta área.

O intérprete possibilita ao surdo o acesso à comunicação, à informação e à integralidade dos serviços e atividades oferecidos. Tem a função precípua de captar pensamentos, palavras, emoções daquele que fala e transmiti-la para a comunidade. Nesse sentido, aponta-se como qualidade essencial do intérprete, a objetividade e clareza, elementos que terão como escopo evitar eventuais influências na decisão, opinião ou compreensão do indivíduo que recebe as informações via Língua de Sinais.

Segundo Silva (2003, p.87), a diferença entre ser tradutor ou intérprete está no fato que o trabalho do tradutor restringe-se a tarefa de tradução de uma Língua para outra, enquanto que o trabalho de intérprete requer um conhecimento de um universo linguístico. O trabalho do intérprete começa a ser reconhecido após a oficialização da língua de sinais em nível nacional, e as universidades começam a reconhecer que a presença do intérprete é imprescindível para existir uma verdadeira inclusão dos surdos.

No trabalho, na instrução, no lazer, na comunidade escolar, ou seja, nos locais onde o aluno surdo estiver, o intérprete deve estar sempre atento, mitigando eventuais barreiras de comunicação e (re)integrando o surdo na vida comunitária e social. O intérprete também auxilia a comunicação com os surdos oralizados. O intérprete, cuja atividade deve estar adequada às normas em vigor, deve conhecer os diferentes métodos utilizados na comunicação dos surdos para melhor transmitir a mensagem. É indispensável também adequar o método ao grupo com qual vai trabalhar.

Um dos aspectos fundamentais para a convivência harmônica entre as pessoas está na troca de informações, no entendimento e no diálogo, sendo tal questão ainda mais complexa no âmbito das Instituições de Ensino que abrigam alunos surdos. Para estes alunos, a língua utilizada (meio de compreensão das aulas) deve ser a Libras, legalmente reconhecida no âmbito da legislação em vigor.

No entanto, mesmo com estes profissionais à disposição, percebe-se que os interpretes também não conseguem chegar a compreensão dos surdos que não sabem Libras, o entendimento é muito particular, pois esses surdos se utilizam de diferentes recursos e expressões para estabelecer a comunicação. Surdos que nunca tiveram contato com outros surdos criam formas comunicativas muito rústicas e caseiras; surdos que tiveram contatos com outros surdos fora da comunidade que utiliza a Libras também tendem a possuir uma limitação no vocabulário de Libras, mas costumam possuir uma expressividade maior.. Por isso o intérprete nem sempre tem clareza sobre o nível cognitivo destes surdos, pois essa compreensão depende da comunicação.

No trabalho desenvolvido junto à Associação de Surdos de Uruguaiana, encontrei surdos com nível cognitivo e linguístico muito básico, em função de suas histórias de isolamento social. Essa constatação despertou em mim o desejo de ajudar de proporcionar a esses sujeitos a aprendizagem da Libras.

O Atendimento Educacional Especializado associado ao processo de escolarização seria o melhor para estes surdos. No entanto, o município de Uruguaiana não conta com profissionais especializados em surdez. A pesquisa de Sperb (2012), sobre o AEE, revela que dos 496 municípios do RS apenas uma escola em Capão da Canoa que trabalha com surdos propõe os três momentos orientados pela Política de educação inclusiva, que são: o Ensino em Libras, Ensino de Libras e o Ensino de Língua Portuguesa (BRASIL, 2008). Essa autora afirma que alguns municípios trabalham apenas com o ensino de Libras como alfabetização para surdos, o atendimento se dá apenas para os alunos do ensino fundamental. No município de Capão da Canoa, o ensino em Libras, de Libras e Língua portuguesa como segunda língua é trabalhado por uma professora que possui um grupo de aproximadamente dez alunos.

As pesquisas realizadas nos mostram a dimensão do desafio que é a oferta de apoios pedagógicos especializados aos alunos surdos no contexto brasileiro e do Rio Grande do Sul (LACERDA, 2011, SOARES, 2011; SPERB, 2012).

3 A METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia de pesquisa consiste em um trabalho de natureza qualitativa que envolve a busca de referenciais teóricos e as indicações pedagógicas para o trabalho com alunos surdos. Além dessas buscas, houve um trabalho educativo com um grupo de sujeitos surdos que frequentam a Associação de Surdos de Uruguaiana e possuíam precárias experiências de escolarização.

O trabalho de investigação com o grupo ocorreu ao longo de três meses, em encontros semanais, nos quais foram abordadas temáticas envolvendo a mídia e a vida dos integrantes. Os registros são apresentados como um modo de conhecer as singularidades da vida de adultos surdos.

3.1 O CONTEXTO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

Para iniciar o relato, é necessário contar um pouco da história da APASUR – Associação dos Pais e Amigos dos Surdos de Uruguaiana, da qual sou a atual presidente. APASUR foi fundada em 2007, antes desta, houve uma associação de surdos no município que foi fechada. Em 2007 um grupo de ouvintes, pais de surdos, fundou uma nova associação com apoio da prefeitura municipal. No entanto, não havia muita participação dos surdos adultos, a associação era um espaço de lazer para as crianças surdas. Fui convidada a aceitar a gestão desse espaço. Agendamos uma reunião com os pais que frequentavam a APASUR e eles ficaram impressionados com o fato de ver uma surda com formação acadêmica, que sabia ler e escrever e que conseguia me comunicar por leitura labial. Esses pais ficaram muito contentes em me conhecer, e pediram que eu montasse uma diretoria, afirmando que minha presença na APASUR seria uma contribuição e deveria ajudar os outros surdos a frequentarem a associação. Os pais que levavam as crianças aos poucos deixaram de frequentar o espaço, e minha presença fez com que estes tivessem novas perspectivas acerca de seus filhos. Busquei formas de aproximação com as famílias e com os surdos, envolvendo encontros e discussões.

Como parte dessa aproximação, levei imagens sobre a Terra, os países e suas diferentes culturas. Neste dia havia mais surdos, acredito que eles foram convidando outros. A APASUR

tem seu funcionamento em uma sala da prefeitura, não há muitas cadeiras, o que fazia com que alguns se ajeitassem no chão para assistir ao vídeo. A cada fim de semana, outras idéias de trabalho foram surgindo, e os surdos chegavam sorrindo, animados. Havia uma vontade de ter mais, de saber mais que fez com que me movesse.

Os sujeitos da presente pesquisa são surdos do município de Uruguaiana, seis mulheres e sete homens, com idades entre 27 e 56 anos.

A seleção destes 13 surdos se deu pelo fato de, em grande parte, nunca terem frequentado escola e nunca terem sido alfabetizados em Libras. Um deles possui deficiência intelectual, outro deficiência motora, dois deles possuem transtornos afetivos, como comportamento agressivo.

A maioria destes surdos possuem surdez decorrente de doença na gestação, a maioria deles mora com parentes que não sabem dizer a causa de sua surdez. Uma outra questão que é importante levantar, todos eles recebem BPC – benefício de Prestação Continuada. Esta renda, que é um auxílio do Governo Federal, é administrada pelos parentes, que são também seus curadores.

4 ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS SURDOS

A temática escolhida foi “Mídia”, pois se partiu do princípio que estes surdos assistem televisão e possuem algum entendimento do que assistem. Assim selecionei vários vídeos desde propagandas em que as imagens são compreensíveis sem o auxílio de legenda e também vídeos com surdos contando histórias com classificadores. Esta proposta aconteceu por um período de um mês, às sextas-feiras e aos sábados, em total de 24 horas. Os vídeos são curtos e após a apresentação houve discussão acerca do que viram. No entanto, como fazer com que estes surdos exponham o que viram e entenderam? Este era o meu desafio.

O início do trabalho foi uma aproximação para conhecer o grupo por meio de uma entrevista coletiva. A entrevista se deu com os surdos e com alguns agentes comunitários que encontraram estes surdos, pois ainda não era possível ter um diálogo por meio do qual se pudesse ter qualquer resposta destes surdos. O uso de Libras era bastante restrito e o entendimento muito limitado. Assim com os surdos e os agentes que trabalham com estes surdos foi realizada uma atividade pautada em cinco perguntas:

- Como conheceu o surdo?
- Como foi o primeiro contato?
- Como foi a chegada deste surdo na Associação?
- Qual foi a reação dele ao ver outros surdos?
- Como os outros surdos o receberam?

A partir das respostas foi possível construir uma reflexão sobre a situação destes surdos que viviam, até o ano anterior à pesquisa, à margem da sociedade e longe da comunidade surda.

O ponto de partida foi uma metodologia de projeto de aprendizagem, que consiste em uma organização com base no progresso destes alunos surdos, buscando que eles alcancem uma conscientização crítica sobre o que é a mídia e o que esta representa em termos de cultura, saúde, comportamento humano. Esse tipo de metodologia possibilita que, através de relatos e depoimentos individuais e em grupos se possa rever e refazer as atividades a fim de ampliar o vocabulário de Libras e construir com eles novas perspectivas e valores das suas vidas na sociedade.

A partir desse envolvimento, com o ingresso em uma comunidade surda, estes surdos passam a ter diferentes interações, uma vida diferente daquela que viviam, mesmo sem saber a Libras. Eles riam, eles usavam as expressões gestuais tentando participar destas conversas,

imitavam sinais, observavam, mostravam-se desconfiados sobre como eles chegaram até a associação. É isso o que irei apresentar a seguir.

4.1 OS SURDOS E A ASSOCIAÇÃO

De acordo com o relato dos surdos que freqüentam a Associação e dos agentes comunitários, os treze surdos, no início do ano, viviam isolados não tinham lazer, não saiam de casa, eram cuidados pela família e só iam ao médico quando necessário.

Alguns surdos foram encontrados em consultas médicas e nas conversas com seus tutores mediados por pessoas ouvintes que sabiam Libras. Conforme os surdos, nem todas as famílias aceitaram de início levá-los até associação, mas aqueles que aceitaram, acharam importante.

O mesmo relato é feito pelos agentes comunitários que, em suas visitas às casas de famílias que recebem o benefício de prestação continuada, encontraram estes surdos e orientaram as famílias a procurarem a associação de surdos.

Estes surdos quando vieram pela primeira vez à Associação de surdos tiveram as mais diversas reações, desde medo, desconfiança, não se aproximaram dos outros surdos. Os surdos freqüentadores da associação tentaram integrá-los, dizem que levou um certo tempo para finalmente confiarem em estranhos além da família. Embora não entendessem os diálogos que aconteciam, os surdos que se sentavam juntos aos outros imitavam os sinais, riam quando os outros riam, cutucavam os surdos para mostrar algo, um objeto, foram aos poucos se integrando, mas mesmo assim não tinham a comunicação em Libras. Havia boa vontade de alguns surdos mais velhos que apontavam para as coisas, para as pessoas e mostravam o sinal para os surdos recém chegados.

4.2 RELATO DA EXPERIÊNCIA: A EXECUÇÃO DO PROJETO

Inicialmente a proposta era trabalhar apenas com os surdos recém-chegados na associação, mas como o espaço também é freqüentado por outros surdos, deixei que eles

participassem, o que com certeza colaborou muito para o desenvolvimento dos surdos não alfabetizados.

Para a análise se faz necessário o conhecimento dos diversos mecanismos da linguagem, como base para uma reflexão mais crítica. Marcondes (1992) traz em sua percepção a importância do conhecimento das regras linguísticas como fator possibilitador da crítica.

Sabendo que os sujeitos constituem a linguagem, e, ao mesmo tempo, por ela são constituídos, reconheço o jogo dialético que permite a crítica e o desvelamento ideológico através do que se vê na mídia.

Este projeto viabilizava aos surdos da associação uma aproximação com um universo cultural, produzindo elaborações e interpretações pessoais, construindo um sistema de representação com relações significativas entre os elementos e concepções, analisando as informações e compreendendo as mensagens.

Percebendo a necessidade dos surdos de iniciarem a leitura do mundo letrado, a proposta proporcionava a esses sujeitos uma ampliação de conhecimento e uma aprendizagem por meio do que a mídia oferece em termos de cultura, política e sociabilidade, abrangendo outras áreas de vivência.

O principal objetivo disso foi proporcionar aos surdos a construção do conhecimento reflexivo e crítico a partir do que a mídia oferece, buscando uma integração na sociedade e a almejando transformação da realidade.

Para a primeira aula elaborei um plano de aula sobre: *Os países do mundo*. Levei pipoca e suco, como elementos facilitadores do encontro. Percebi um grande interesse por parte do grupo, no sentido de aprender os sinais novos e os sinais dos diferentes países. Cada país era representado por personagens e roupas típicas, conforme os surdos que sabiam Libras se manifestavam com sinais dos países eu reforçava as informações para aqueles recém-chegados.

Dentre os problemas encontrados, destaco: a falta de estrutura da associação, o que exigiu que fossem utilizados recursos e aparelhos pessoais (televisão, notebook) para o trabalho; além disso, alguns dos sujeitos apresentavam problemas de ordem comportamental, como a manipulação do próprio corpo durante as reuniões. Tais fatores exigiram que o trabalho se ocupasse de questões mais amplas do que apenas o conteúdo previsto.

De forma geral os integrantes do grupo eram bem participativos, com grandes variações. No primeiro encontro, foi necessário ter muita calma, e capacidade de

questionamento. As situações inesperadas vinculadas às características do grupo começaram a ser evidenciadas.

Embora eu tenha planejado momentos de aprendizagem, aquelas pessoas que freqüentam a Associação tinham muitos depoimentos que se constituíram em relatos de vida que merecem ser compartilhados., há uma riqueza de detalhes, de temáticas que tanto discutimos em sala de aula e que com este grupo de surdos mudou totalmente o foco do trabalho, a partir daqui trago relatos incríveis de quem viveu a inclusão e a exclusão.

Realizei uma atividade que fiz foi colocar algumas propagandas: a da RBS 50 anos, uma propaganda francesa sobre se o mundo fosse das pessoas com deficiência e também mostrei o filme “Lágrimas do Silêncio”², depois disso percebo que alguns surdos estão comovidos.

Muitos relatos precisei registrar. Pessoas que nunca haviam ido a uma escola, que não conheciam a língua de sinais, relatos de quem sofreu o preconceito, de quem foi excluído do convívio social e pior do convívio familiar. Foi um momento de aprendizagem sobre estes sujeitos surdos que compõem esta associação. A comoção tomou conta, foi um dia de reflexão sobre os surdos suas angústias e sofrimentos. Foi um dia cheio de depoimentos tristes, e de alegrias para toda esta gente que encontrou na associação a oportunidade para mudar a sua realidade e usar sua língua.

Eu planejei para uma determinada atividade mostrar algumas figuras de famílias, queria poder ver um pouco dos relatos destes surdos. Os surdos sem Libras sinalizavam junto os sinais de papai, mamãe, filho e filha, cachorro, mas quando pegava outra figura, alguns surdos não lembravam mais quem era o papai ou a mamãe, isto me preocupou por que não sei se eles entendiam o conceito de família, visto que hoje são cuidado por outros parentes, não sei se chegaram a conhecer o pai ou a mãe, se chegaram a entender o que é uma família. Dos surdos que sabiam sinais uma mulher surda relata um pouco da sua vida. Ela conta que depois que os pais faleceram e ela foi viver com uma irmã, aos 35 anos conheceu o marido que também era surdo, sua surpresa foi muita quando soube que havia outras pessoas iguais a ela, começou a conviver mais com os surdos, mas seus sinais eram limitados, com o marido teve duas filhas e um filho foi adotado. Ela conta que quando teve a primeira filha, a tia do marido pegou a menina de seus braços e ela agrediu a tia tomando a filha de volta. Esta filha hoje é falecida e conta com muita tristeza que antes eram três agora são dois filhos. Quando o

² Filme produzido por Karen Arthur em 1989, e conta a história de uma atriz surda que perde o marido num acidente de carro, deixa a filha aos cuidados dos pais para se recuperar, ao decidir seguir sua vida ao lado da filha, tem agora que travar uma luta judicial com sua própria mãe, que se apega a neta e acredita que ela estará melhor aos seus cuidados do que com a mãe surda.

marido faleceu, ela disse que os amigos foram os que mais deram força para ela estudar, mas em Uruguaiiana era muito difícil, não tem escolas com professores que saibam Libras, ela até tentou entrar numa EJA, mas não entendia nada, e largou a escola.

C.V. (33 anos) diz que frequentou a escola ainda menina, queria muito estudar, mas devido a pouca comunicação ela saiu da escola ainda muito jovem, passou a ajudar a mãe num pequeno bar onde conheceu seu atual marido que a trouxe para Uruguaiiana. Natural de Santa Maria ela diz que quer voltar para lá, por que aqui a vida e o trabalho estão muito difíceis. Não tem dificuldades com os conteúdos, sua maior dificuldade está na comunicação, seus sinais são restritos e ela se comunica muito por gestos e mímicas.

M.F. (38 anos) frequentou a escola quando era mais jovem, mora com os pais e há pouco perdeu o emprego. Talentosa com doces e salgados, pensa em fazê-los para vender, já fez todos os tipos de cursos. Adora aprender coisas novas. Está sempre disposta e aprende muito rápido, ela está se esforçando para aprender Libras e usa recursos de oralização.

M.R. (27 anos) que chegou à associação não faz muito tempo vive com a mãe que também é surda e frequenta a associação. A mãe conta que o marido morreu, mas ele parece que não quer entender ou acreditar e volta e meia pergunta pelo pai. Aparentemente é calmo, tranquilo, mas suas respostas não são próprias, tudo ele copia dos outros. É um ótimo desenhista, mas não tem autonomia em suas respostas, a mãe acaba respondendo por ele em algumas situações. Ele se locomove dentro da associação, vai ao banheiro sozinho, mas depende da mãe para vir e para ir embora.

A.B. (32 anos) conta que mora com a mãe e dois irmãos, e que ajuda a mãe nas tarefas de casa e que ela dá dinheiro para ele sair. Já relatou brigas sérias que teve com a mãe, mordidas, marcas de cinta, ele diz que a mãe bate nele por que ele não pára em casa. Conta que é da religião da Umbanda e sempre fala das atividades religiosas na sua casa. É um rapaz pacífico, e muito criticado pela forma afeminada com que anda e se veste.

R.W. (41 anos) que é muito quieto, mas aparentemente muito inteligente, conta que é oralizado e que sempre frequentou a escola de ouvintes, mas o pai o tirou da escola para ajudá-lo no trabalho, o pai é feirante. Ele conta que depois que aprendeu Libras ele só fala oralmente com a família e com pessoas que não conhecem a língua de sinais.

L.M. (42 anos) conta que a família teve problemas financeiros a família toda veio para cidade de Uruguaiiana onde ele vive há uns 30 anos, hoje está feliz da vida, morando e trabalhando. Não tem dificuldades, há uma limitação na língua de sinais, mas ele aprende muito rápido e tem uma excelente compreensão das propostas de atividade. Ele conta sobre o uso de drogas no bairro onde mora, mas revela que não gosta e não usa, conta que é um

cheiro horrível, e que não gosta quando os irmãos fumam maconha em casa. Tem uma realidade bem difícil, mas é um bom rapaz, esforçado e amigo de todos na associação.

F.O. (37 anos) conta que foi espancado a vida inteira, recebeu uma educação muito rígida e sofreu com as freqüentes discriminações. Quando chegou na associação era agressivo, tinha dificuldades de relacionamento. Quando conheceu sua noiva também surda passou a ser uma pessoa mais tranqüila, ele conta que conversa muito com uma medica que sabe sinais que diz para ele sempre ser calmo, por que a noiva não gosta de ver ele brigando.

F.K. (29 anos) relata que cresceu numa escola de ouvintes onde era freqüentemente agredido, depois era agredido em casa, depois foi para uma escola de surdos que tinha concepção oralista e mais uma vez foi agredido pelas freiras, acompanhamentos com Fonoaudiólogos que mais pareciam sessões de tortura, ele era freqüentemente agredido com uma palmatória e se não acertava as palavras sua língua era puxada, na rua a mãe batia na sua boca e a fechava com força. Os outros relatam que ele não era de muita conversa, mas com o tempo os outros surdos passaram a dar apoio para ele, conversar com ele mostrando que também tiveram realidades semelhantes, M.F. que não é alfabetizada vendo a comoção dos outros também chora, o que pensei que de alguma forma ela tenha entendido ou se reconhecido em algumas colocações. Outros relatos interessantes são dos alunos que freqüentaram outras escolas, que os interpretava como doentes mentais, hoje se sabe que esta escola está com uma proposta totalmente diferente e compreendendo o sujeito surdo como ser que aprende por sua língua. A escola está muito diferente de 20 anos atrás. Muitos outros relatos aparecem alunos comovidos por hoje estarem fora da escola, por hoje estarem longe das constantes agressões e das palmatórias.

Quando realizei este projeto pensei no tema mídia, por várias razões uma delas é que faz parte do cotidiano destes surdos e descobri muitos outros aspectos que poderiam ser abordados estes relatos são importantes para entender o destino e o rumo que tiveram estes surdos.

4.3 REFLEXÕES SOBRE AS ANALISES

Quando parei o que estava fazendo para registrar os relatos destes surdos entendi que as discussões foram acendidas inicialmente pela minha proposta, uma simples imagem de uma família desencadeou no que Thoma (2005) fala de que a constituição do imaginário

social depende essencialmente da forma como ele é difundido e a mídia, assim como as religiões, os mitos e a ideologia cumprem a função de constituir o imaginário de uma determinada época.

Como não deixar estes surdos relatarem? falarem de suas experiências? de suas descobertas?

As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E, dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização [...]. (PERLIN, 2004, p. 77).

Em momentos de discussão sobre como estes surdos vivem fora da associação no dia-a-dia, alguns deles se manifestaram dizendo que os bancos são um problema por que sempre tem que ir com alguém, nos hospitais também. Há relatos de terem ficado horas aguardando por que não ouviram ser chamados. Outra reclamação que surgiu foi sobre a legenda da televisão que é muito rápida e eles não conseguem acompanhar, e os interpretes que tem na televisão está na maioria para programas de igreja e ficam num espaço muito pequeno, além de não entender direito os sinais são diferentes dos que eles conhecem. Teske (2005, p. 148) diz que “a comunidade surda é um complexo de relações e interligações sociais, que diferem de outras comunidades onde existe a possibilidade da comunicação oral, pois as pessoas surdas necessitam da língua de sinais e das experiências visuais para realizarem uma comunicação satisfatória com outras pessoas”. Hoje vemos esta popularização dos direitos dos surdos, a luta por direitos, pela garantia da acessibilidade, mas a sociedade ainda é frágil diante do tanto que se tem a fazer como, por exemplo, nem todos os programas tem legenda, nem todos os surdos sabem ler e por isso deveria ter um intérprete como alternativa do *closed caption*. Nem todos os lugares dispõem de intérprete e deveriam tê-los, como os hospitais e bancos. É necessário que os surdos saibam que seus direitos aos poucos estão sendo conquistados. A lei já os reconhece como um grupo que se diferencia pela língua, o que falta é a conscientização das pessoas em geral. Isto aparece muito claro em THOMA, (2005 p. 134) que afirma:

A forma como os surdos são representados na mídia ocorre de forma espiralada, não linear, isto é, como um processo descontínuo, com idas e vindas, avanços e retrocessos. Com isto as representações vão sendo criadas e legitimadas fazendo, por exemplo, com que a opinião pública ora se sensibilize pelos limites encontrados pelos surdos no mercado de trabalho, ora o superestime considerando-o capaz de realizar todo o tipo de atividade, *apesar da deficiência*.

A mídia difunde a concepção de que todos os surdos são iguais, ou seja, sabem ler lábios, sabem escrever, sabem falar, e não uma informação correta sobre os níveis que encontramos na comunidade surda. A sociedade não é de toda culpada, conforme GODINHO, (1982, p. 28) a mídia é

de magna importância, não só como fator de coesão social, pois serve a linguagem como instrumento do pensamento e comunicação, como meio e controle de ação dos outros e como força que une os membros de uma comunidade particular, a passo que as separa de outra, como também é através dela, veiculada pelos órgãos de comunicação de massa, que tomamos conhecimento de fatos e ocorrências que, promovendo mutações da opinião pública, alteram o comportamento social.

As atividades realizadas com estes surdos foram muito intensas, muito ricas. A cada momento de interação, de relação recordada, coloco-me em profunda reflexão sobre os efeitos positivos das experiências na vida dos integrantes do grupo e na minha própria vida.

Segundo BEHRENS, (2006, p. 45).

A necessidade de oferecer uma aprendizagem que leve a autonomia pessoal, ao espírito crítico-reflexivo, à formação de valores éticos e solidários, pressupõe processo que propicie envolvimento e responsabilidade no sentido de buscar atitudes baseadas na democracia e na participação. A metodologia de projetos representa uma perspectiva pedagógica relevante, pois trabalhar a partir de problemas representa possibilitar novas atividades e novas maneiras de acessar o conhecimento e de aprender.

Acredito que neste trabalho se deu a possibilidade de discursar, argumentar, houve um desejo real de falar sobre o que estavam fazendo, pois estes sujeitos estão na associação “motivados pelos diferentes objetivos”, mas conscientes e críticos quanto ao que aprendem. Tenho certeza que minha pesquisa mais me ensinou do que realmente ensinei.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia foi possível apresentar uma análise sobre o processo de inclusão de surdos na Educação de Jovens e Adultos em Uruguaiana. Envolvida com a Associação de surdos do município, assumi a presidência da Associação em março de 2012. Os surdos voltaram a frequentá-la e resolvi fazer um projeto com o objetivo de atraí-los, fomentar o aprendizado, assim como evitar o isolamento lingüístico e desenvolver o vocabulário em Libras e de escrita dos surdos daquele município. Visto que estes sujeitos não possuíam alfabetização na escrita e nem mesmo na sua Língua a Libras.

Os seres humanos são diferentes, suas limitações e dificuldades de aprendizagem se apresentam de diversas formas. No entanto os professores precisam estar preparados para atender as especificidades de cada aluno, precisam ter formação específica.

O objetivo da presente investigação foi analisar o trabalho pedagógico com alunos surdos adultos em processo de aprendizado da Libras e, secundariamente, da Língua Portuguesa, suas implicações e seus desafios. Buscou-se analisar as perspectivas de educação defendidas para esses sujeitos, considerando o plano da história, dos conceitos, da comunicação e dos apoios que podem favorecer o acesso à educação formal. O que foi possível observar com os surdos que frequentam a Associação de Surdos de Uruguaiana mostrou dificuldades e sofrimentos que esses sujeitos tiveram ao longo da vida e o quanto percebem a falta de acessibilidade existente na sociedade.

As dificuldades de comunicação e a falta de uma língua comum compartilhada contribuíram para que muitos deles desistissem da escola, chegando à idade adulta com poucos recursos de comunicação e sem escolarização formal.

Percebendo que surdos e ouvintes têm necessidades diferentes quanto à aprendizagem, vejo que se faz necessário verificar que estratégias estão sendo utilizadas em sala de aula, assim como pensar didaticamente sobre o que pode embasar práticas futuras. Enquanto os ouvintes se apropriam do português os surdos precisam primeiro do aprendizado da língua de sinais para depois aprender o português, que é uma língua oral auditiva. A diferença do ouvir e não ouvir requer uma educação diferente, adaptada a cada necessidade.

A questão não é apenas a preparação dos professores, recursos financeiros para a escola, a garantia de um interprete na sala de aula, a questão central está em olhar este sujeito como ser humano munido de sentimento e de muita historia para contar.

A escola não é o único espaço socializador, embora tenha papel importante na formação do cidadão surdo, desde que sua língua seja respeitada.

Numa perspectiva transformadora da realidade, o educando pode e deve relacionar suas experiências de vida, sobre sua infância sofrida ou não. A não conformidade com a situação atual dos surdos faz deste plano uma proposta de demonstração das capacidades e habilidades existentes na comunidade surda, no quanto um educando surdo se esforça para ser compreendido. Pois o aluno deveria ser “o centro do processo educacional e aponta como fim prioritário da educação que a pessoa funcione de maneira integrada e efetiva, que construa sua própria realidade, que encontre sua identidade particular”. (SALVADOR, 1994, p. 146).

Ao concluir esta pesquisa, reconheço que esta foi uma oportunidade de aprender. A aprendizagem não se dá de forma única e acabada e minha relação com os sujeitos foi buscada como uma prática horizontal, com perspectivas de transformação dirigida aos surdos. Aprendi que não há pensamentos e nem ações homogêneas, pois estes surdos, por suas peculiaridades, são muito heterogêneos, apresentando diferenças que pude perceber e que procurei respeitar.

A busca contínua foi uma relação dialética de ensino e aprendizagem como processo de aprender a aprender e fazer uma análise da teoria estudada em sintonia com a prática em sala de aula. Embora se diga que teoria e prática são muito diferentes, cabe a nós como profissionais da educação refletir constantemente sobre a nossa prática e perceber que a teoria é a base que nos permite fazer esta reflexão.

Neste trabalho foi possível perceber as necessidades individuais e coletivas dos alunos surdos adultos, foi possível trabalhar com eles, reconhecendo a complexidade dos desafios apresentados, além do aprendizado da Libras e da Língua Portuguesa. Os alunos que se constituem e possuem em seus contextos de vida uma série de situações e problemas de ordem econômica, familiar, religiosa, ética, sexual que devem ser consideradas, pois estas diferentes realidades favorecem a inventividade pedagógica garantindo que estes alunos aprendam.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEHRENS, M. A. **Paradigma da complexidade**: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BESS, F. H. & HEMES, L. E. **Fundamentos de audiologia**. 2. ed. Porto Alegre: Artemed, 1998.

BOSCOLO, C.C.; SANTOS, T. M. M. A deficiência auditiva e a família: sentimentos e expectativas de um grupo de pais de crianças com deficiência da audição. **Distúrbios da comunicação**. São Paulo, 2005.

BUENO, J. G. S. A produção social da identidade do anormal. In: FREITAS, M. C. de. **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

_____. Ministério da Educação. **Política Pública de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducacional.pdf>. Acesso em 25 jul 2012.

DAMÁZIO, M. F. M. **Educação escolar inclusiva para pessoas com surdez na escola comum**– questões polêmicas e avanços contemporâneos. In: Ensaio Pedagógico: Construindo Escolas Inclusivas. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

FUKUSHIMA, C. S. M. **Caminhos para inclusão dos surdos na educação de jovens e adultos**: ouvintes falando com as mãos/Libras. 2008. Programa de Desenvolvimento Educacional- PDE. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais Superintendência da Educação. Secretaria de Estado da Educação.
<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1819-8.pdf>>.

GATTO, Cladi Inês. TOCHETTO, Tania Maria. **Deficiência auditiva infantil**: implicações e soluções. Rev CEFAC, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v9n1/v9n1a12.pdf> Acesso em 30 jul 2012.

GODINHO, E. **Surdez e o significado social**. São Paulo: Editora Cortez, 1982.

LACERDA, C. B. F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Cadernos CEDES (UNICAMP), Campinas, v. 19, n. 46, set. 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007. Acesso em: 01 agos. 2012.

LACERDA, C. B. F. **Atendimento educacional especializado: necessidades educativas do sujeito surdo**. In: Anais VI Seminário Nacional de Pesquisa em Educação Especial: Prática pedagógica na Educação Especial: multiplicidade do atendimento educacional especializado. UFES, UFRGS, UFSCar. Nova Almeida, ES, 2011.

LODI , A. C. B. **Plurilingüismo e surdez:** uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, set./dez. 2005.

MARCONDES, D. **Filosofia, linguagem e comunicação.** São Paulo: Cortex, 1992.

MARQUES, Carlos Alberto. **Rompendo paradigmas:** as contribuições de Vygotsky, Paulo Freire e Foucault. In: Inclusão, práticas, pedagógicas e trajetórias de pesquisa. Organização: Denise Meyrelles de Jesus, Cláudio Roberto Baptista, Maria Aparecida Santos Corrêa Barreto, Sonia Lopez Victor. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MESERLIAN, Kátia Tavares; VITALIANO, Célia Regina. **Análise de práticas pedagógicas desenvolvidas junto aos alunos surdos em aulas de língua portuguesa em classes inclusivas.** In: Anais IV Congresso Brasileiro de Educação Especial, UFSCAR. São Carlos, 2010.

PERLIN, Gládis Teresinha. **O lugar da cultura surda.** In: THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (Org.). A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

PERLIN, Gládis Teresinha.; MIRANDA, Wilson. **Surdos:** o Narrar e a Política In Estudos Surdos – Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos nº 5, UFSC/ NUP/CED, Florianópolis, 2003

QUADROS, R.M. de. **Educação de surdos:** A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SALVADOR, C. C. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento** / Tradução Emilia de Oliveira Dihel. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

SKLIAR, C. (Org.). **Educação e Exclusão:** Abordagem sócio-antropológicas em educação especial. 3ª edição. Porto Alegre : Mediação,1999.

SILVA, Vilmar. **Educação Profissional para surdos:** uma vivência político pedagógica no Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina. In: Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos. – nº 05 –. Florianópolis: NUP/CED, 2003.

SPERB, Carolina. A diferença linguística e cultural dos surdos está presente na política inclusiva? **VII Congresso Internacional de Educação.** São Leopoldo. UNISINOS, 2011.

SOARES, C. H. R. **Inclusão, Surdez e Ensino Médio: perspectivas e possibilidades para o atendimento educacional especializado.** Dissertação de mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2011.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos:** Vestígios Culturais não Registrados na História. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. **História de educação dos surdos.** Apostila elaborada para disciplina de curso de Licenciatura de Letras/Libras, UFSC, Florianópolis, 2008.

_____. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. Dissertação de mestrado em fase de elaboração, na área de educação GES / UFSC, 2006.

TESKE, Ottmar. A relação dialógica como pressuposto na aceitação das diferenças: o processo de formação das comunidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005.

THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (Org.) **A invenção da surdez**. Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (Org.) **A invenção da surdez**. Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. 2ª Edição. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.